

O ENSINO DA GEOMORFOLOGIA DO SEMIÁRIDO NA GEOGRAFIA ESCOLAR

da Conceição Neves, D.¹; Lopes Pinto, B.²; Barreto Franco, G.³;

¹UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA

CRUZ *Email: darlan.geo@hotmail.com;*

²UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Email: bismarque.lopes93@gmail.com;

³UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Email: gustavopraia@yahoo.com.br;

RESUMO:

Esta pesquisa tem como objetivo a realização de uma atividade pedagógica para se trabalhar o conteúdo de geomorfologia do semiárido na geografia escolar. A abordagem Geomorfológica em sala de aula deve ser contextualizada com a realidade do aluno, visando à superação das generalizações do livro didático e o melhor entendimento da escala de análise dos fenômenos. Portanto, faz-se necessário criar momentos de aprendizagem que possibilite o aluno a construir um conhecimento acerca do relevo local.

PALAVRAS CHAVES:

Geografia escolar; Semiárido; Relevo

ABSTRACT:

This research aims at the realization of pedagogical activity to work on the content of the semiarid geomorphology in school geography. Geomorphological in the classroom must be contextualized with the reality of students, seeking the recovery of the generalizations of the textbook and a better understanding of the scale of analysis of phenomena. Therefore it is necessary to create learning moments that enable the students to build a recognition on the local relief.

KEYWORDS:

School geography; Semiarid; Relief

INTRODUÇÃO:

A Geografia escolar ainda é ancorada em práticas pedagógicas que supervalorizam a descrição do que está posto no livro didático ao apresentar uma Geografia Geral descontextualizada da realidade do aluno. Desse modo, a Geografia ensinada na escola não consegue atingir o seu objetivo de formar sujeitos capazes de construir um raciocínio geográfico que possibilite o estudante a fazer uma leitura crítica do espaço

(CAVALCANTI, 1991). Baseado nessa perspectiva do ensino de Geografia percebe-se que as discussões que envolvem a Geomorfologia do semiárido é praticamente nula. Sendo atribuída como umas das temáticas físico-geográficas mais complexas de ser ensinada, a Geomorfologia hoje é trazida de forma generalizada e pouco contextualizada. A Geomorfologia se propõe enquanto ciência a estudar as formas da superfície terrestre e os processos que operam em sua composição (PENTEADO, 1980). O relevo do semiárido está intrinsecamente associado à temporalidade da dinâmica climática. Para Casseti (2005), a variação climática ocorrente na área que hoje é entendida como o semiárido brasileiro, apresentou no passado geológico, uma dinâmica climática úmida e com características geomorfológicas diferenciadas da que temos hoje. Mediante as oscilações climáticas mais recentes do período do quaternário, o relevo do semiárido perpassou por sucessivas fases de aplainamentos (pediplanação) com a presença constante do processo de desagregação mecânica ocasionando assim o recuo paralelo das vertentes. Desse modo, objetiva-se trazer a Geomorfologia do Semiárido de forma reflexiva para os estudos da geografia escolar. Este artigo justifica-se pela necessidade de abordar com mais precisão o ensino do relevo em ambiente semiárido e seus processos geradores de modo a superar as generalizações apresentadas no livro didático que traz um conteúdo de Geomorfologia do Semiárido vago e descontextualizado.

MATERIAL E MÉTODOS:

Como etapas procedimentais deste trabalho, foi feita a revisão de literatura acerca da temática abordada bem como momentos de intervenção na escola locus dessa pesquisa. Como ações interventivas ministrou-se aula expositiva e dialogada com os alunos, fez-se uma aula de campo e em seguida construiu-se painéis temáticos a partir da coleta de narrativas sobre as experiências dos alunos nas ações feitas dentro e fora da sala de aula. Como espaço locus dessa pesquisa, foi escolhido o 5º ano do Ensino Fundamental II do Colégio Estadual de Bandiaçú que está situado no distrito de Bandiaçú, Conceição do Coité-BA. O município localiza-se na formação geomorfológica estrutural da Depressão Periférica ou também conhecida como Depressão Sertaneja. Para Ab'saber (1956, p. 02) a estrutura geomorfológica em questão foi “[...] esculpida em fases climáticas mais úmidas do Paleogeno e que, posteriormente, no Pleistoceno, atingiram condições de semiaridez pronunciadas [...]”. Na aula expositiva foram feitas a revisão teórica acerca do conceito de Ciência Geomorfológica, tipos de relevo e os processos exógenos e endógenos de elaboração destes. Na aula de campo foi escolhida como roteiro a área rural do município de Conceição de Coité tendo como foco a área onde o distrito está inserido. Vale salientar que para as aulas expositivas foi utilizado o volume 01 do livro didático “Geografia geral e do Brasil” dos autores Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira do ano de 2010. Compreende-se que o mesmo está destinado ao ensino médio, contudo, devido à precarização e ausência de livros para o ensino fundamental na escola locus, os livros do ensino médio são reutilizados para o ensino fundamental II. Como resultados dessas duas primeiras ações, foram coletadas as narrativas dos alunos. Em seguida, foram construídos painéis temáticos utilizando-se de papel metro, lápis de cor, lápis, papel sulfite tamanho A4, cola, jornal, revistas e fotografias da área onde foi realizada a aula de campo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A abordagem em sala de aula dos conteúdos relacionados à dinâmica do relevo do semiárido foi apresentada no primeiro momento utilizando o livro de didático “Geografia geral e do Brasil” que traz apenas as representações do relevo estrutural do Brasil a partir dos estudos de Aroldo de Azevedo e Aziz Ab’Saber (figura 1a) bem como a dinâmica do relevo estrutural da região nordeste do Brasil a qual se inclui a Depressão Periférica (figura 1b). Foi trabalhado com os estudantes a diferenciação entre relevo estrutural composto por formas de caráter regional assim como o relevo escultural que é entendido como feições de pequeno porte a partir dos mapas e imagens trazidos pelo livro. Em seguida, os alunos foram conduzidos à atividade de campo para compreenderem a dinâmica de distribuição das feições geomorfológicas locais e os processos que atuam em sua formação (figura 2a). Em campo, os alunos puderam visualizar as formas do relevo local bem como a vegetação e o curso d’água. A partir da atividade de campo o aluno 01 afirmou que “o relevo daqui é muito baixo. Os morros que tem aqui são baixos e as ladeiras não são muito inclinadas. Tem morro aqui que só tem rocha, a gente não vê nem terra e nem a planta” (narrativa do aluno 01). Neste momento voltou-se à explicação da dinâmica do intemperismo físico que é mais presente no ambiente, bem como a função da vegetação na produção da biomassa e sua função na contenção de processos erosivos mais avançados. Os alunos também notaram o afloramento de algumas rochas que estão apresentadas como testemunhas de paleoerosões. Para o aluno 02 “aqui tem muita rocha e a terra é muito rasa e não dá para plantar em todo lugar. Além disso, o clima daqui é muito seco e por isso que a terra não é tão molhada” (narrativa do aluno 02). Nessa fala percebe-se que o aluno conseguiu relacionar o clima com a formação de solos rasos que se configura como uma característica pedológica local. O aluno 02 ainda afirma que “Os rios aqui não correm o ano todo e geralmente não são fundos. Quando os rios estão secos dá para ver uma areia mais fina e em outros lugares umas rochas maiores no fundo do rio”. Este aluno ainda pôde perceber a função da precipitação como fator determinante para a tipologia dos rios (perenes ou intermitentes) e o comportamento da dinâmica fluvial do semiárido como a variação de leitos presentes na área. Já em sala de aula foram confeccionados painéis com figuras, textos e desenhos que representam as ações antrópicas que aconteciam no semiárido e que auxiliam na esculturação do relevo. Para o aluno 03 “a gente quis mostrar nas figuras como o nosso relevo aqui é plano e não tem muito lugar alto. Também achamos umas imagens legais que mostram o desmatamento que acontece aqui na caatinga e isso deixa alguns buracos no chão depois que chove”. Na figura 2b foi apresentado imagens do desmatamento que acontece no ambiente estudado. Nesse momento foram explorados ainda mais a função da vegetação na preservação do solo. Para Casseti (1991), sem a vegetação e com o solo exposto ocorre maior arraste dos agregados do solo bem como o componente perpendicular (infiltração) torna-se menor que o componente paralelo (escoamento superficial). Além desses aspectos, percebe-se na fala do aluno 03 que o mesmo compreende que com a retirada da caatinga o homem induz a geração de processos erosivos modificando por sua vez, o próprio relevo. Observa-se também que para o aluno o relevo local por conta dos aspectos climáticos apresenta-se de forma aplainada e sem grandes elevações e declividade. O aluno 04 enfatizou que “buscamos mostrar um pouco nas imagens como são os nossos rios aqui. Eles são rasos e por conta do homem os rios estão ficando com muita areia e não tem mais matos dos lados dos rios o que cria uns buracos nas beiras

dos rios”. Percebe-se que o aluno compreende que a retirada da mata ciliar ocasiona o assoreamento e a erosão as margens do rio.

Figura 01: A Geomorfologia do Semiárido no L. Didático.

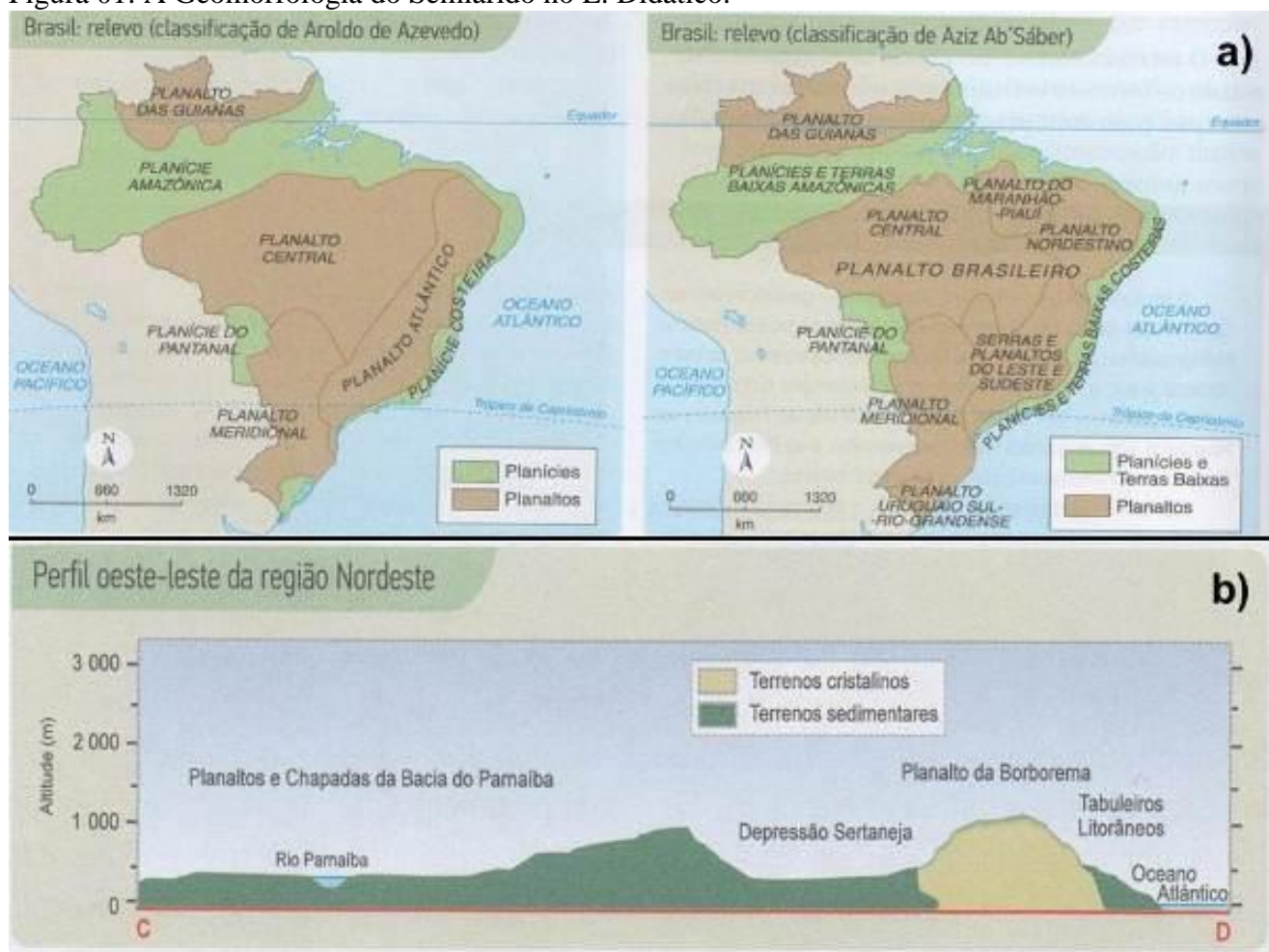


Figura 1a: A Geomorfologia do Brasil no livro didático. Figura 1b: A Geomorfologia estrutural do Nordeste brasileiro. Fonte: Sene e Moreira (2010).

Figura 02: Ações realizadas com o 5^a ano do ensino fundamental II.



Figura 2a: Aula de campo realizado na zona rural do município de Conceição do Coité/BA. Figura 2b: Resultado final do painel temático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Percebe-se que através do trabalho de campo e a confecção dos painéis os alunos conseguiram compreender de forma reflexiva a espacialização das feições geomorfológicas locais em ambiente semiárido assim como o a dinâmica dos processos intempéricos que esculpe o relevo local. Ficou visível também a capacidade de ligação de raciocínio do aluno quando o mesmo correlaciona à geração dos processos erosivos com as atividades antrópicas presentes na área. Em suma, se faz necessário criar momentos de aprendizagem no âmbito da geografia escolar que possibilite o aluno a construir um conhecimento acerca do relevo local e seus reflexos na dinâmica social de modo que a Geografia como um todo, saia desse ciclo de abstração e possa trazer algum significado para o aluno da escola básica.

AGRADECIMENTOS:

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA:

ABSABER, A. N. Depressões periféricas e depressões semiáridas no nordeste do Brasil. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo, n. 22, p. 1-10, 1956

CASSETI, Walter. Ambiente e Apropriação do Relevo. São Paulo: Contexto, 1991.

CASSETI, W. Geomorfologia. Goiânia: Editora da UFG, 2005. Disponível em: <<http://www.funape.org.br/geomorfologia/>>. Acesso em: 02. fev. 2014.

CAVALCANTI, L. de S. O ensino crítico de Geografia em escolas públicas do ensino fundamental. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia – GO, 1991.

PENTEADO, M. M. Fundamentos de Geomorfologia. Rio de Janeiro: IBGE, 1980.

SENE, E. de; MOREIRA, J. C. Geografia geral e do Brasil. Livro didático, Volume 01: espaço geográfico e globalização. São Paulo: Editora Scipione, 2010.